***NEKRETX:***

**em busca de mundos possíveis**

*Rafael Ribeiro Cabral*

UFPA – [rafarcabral@ufpa.br](mailto:rafarcabral@ufpa.br)

*Giselle Guillhon Antunes Camargo*

UFPA – [giguilhon@yahoo.com.br](mailto:giguilhon@yahoo.com.br)

(orientadora)

**Resumo**: Em busca de mundos possíveis, encontro-me. Dentre as áreas demarcadas da Terra Indígena Mebengokre-Kayapó, centro-me na região sul do estado do Pará, onde estão as matrizes históricas e genealógicas de minha formação consanguínea matrilinear. Depois de anos mergulhado na trama da grande aranha *Inhô,* investigo a Festa do Peixe como espaço de reiteração das músicas, dos cantos e dos movimentos *mei* [bonito] *kumerex* [correto, tradicional]. A Festa do Peixe (*Metoro Bemp*) é um ritual de nomeação dos novos peixes que serão incorporados à sociedade Mebengokre. Os caminhos desta pesquisa são buracos de tatus que levam à compreensão da minha constituição genealógica junto aos parentes das Aldeias Kapramkrere e Apexty. Este movimento envolve o reconhecimento de tramas do ritual *Bemp* na utilização de objetos, movimentos, cantos – *NEKRETX* – que são riquezas intangíveis das comemorações (*metoro*). Este trabalho é uma demonstração dos meus atuais *NEKRETX* e a preparação de minha cabeça para a participação no ritual *Metoro Bemp* (Festa do Peixe).

**Palavras-chave**: Mebengokre-Kayapó. *Nekretx*. Festa do Peixe. *Metoro Bemp*.

**Abstract:** In search of possible worlds, I find myself. Among the demarcated areas of the Mebengokre-Kayapó Indigenous Land, I focus on the southern region of the state of Pará, where the historical and genealogical matrix of my matrilineal consanguine formation is located. After years immersed in the web of the great spider *Inhô*, I investigate the Fish Party as a space for the reiteration of songs, ditties and *mei* [beautiful] kumerex [correct, traditional] movements. The Fish Party (*Metoro Bemp*) is a naming ritual for new fishes that will be incorporated into Mebengokre society. The paths of this research are armadillo holes that lead to the understanding of my genealogical constitution together with the relatives from Kapramkrere and Apexty Villages. This movement involves the recognition of the *Bemp* ritual wefts in the use of objects, movements, songs – *NEKRETX* – which are intangible riches of the celebrations (*metoro*). This work is a demonstration of my current *NEKRETX* and the preparation of my head for participation in the Metoro Bemp (Fish Party) ritual.

**Keywords:** Mebengokre-Kayapó. *Nekretx*. Fish Party. *Metoro Bemp*.

1. **Em busca de mundos possíveis**

Na evocação dos cantos convoco, em tempo, meus ancestrais. Tempo que me coloca, sem dor nem piedade, na trama violenta da colonialidade. Habitante dos rios que confluem terras paraenses, neto legítimo de Mebengokre-Kayapó, peço licença a todos que vieram antes de mim, e que permanecem comigo habitando mundos. Mundos não habitados por minhas tias e minha mãe, filhas de Dona Maria José (minha avó), netas de Dokre Kayapó (minha bisavó) e Mundico Pinto (meu bisavô) – que viveram em muitas aldeias, nas densas florestas silenciosas do sul do Pará. Diferentemente de minhas tias e de minha mãe, que não tiveram a mesma oportunidade de crescer junto aos nossos parentes indígenas. Tamanha violência com minha própria história pôde ser contada, por meio de gestos e imagens, pelos parentes residentes em aldeias contemporâneas, num encontro entre mundos possíveis, junto à Árvore de Milho.

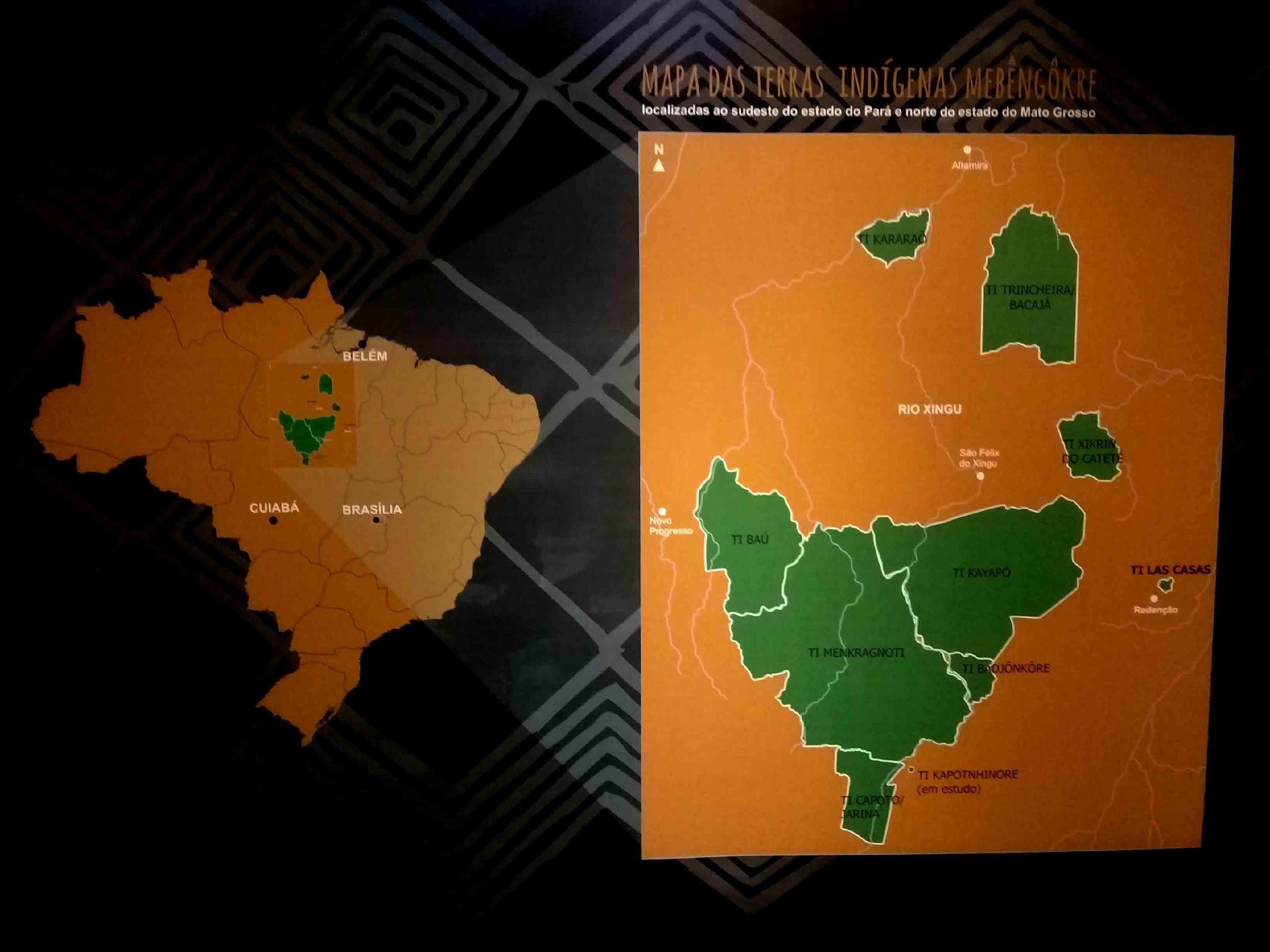
Existe um esquecimento e um silêncio detectáveis nas falas de meus parentes (tias e mãe), uma “incoerência coerente”, pois nem sequer retornaram ao buraco do tatu – buraco mítico cavado por um tatu, através do qual, segundo meus parentes consanguíneos Kayapó, nossos ancestrais teriam feito sua jornada intergaláctica até o planeta Terra. Contaram-me que as crianças e as mulheres vieram primeiro, seguidas dos guerreiros e, por último, dos velhos. O buraco do tatu representa, simbolicamente, a possibilidade do retorno ao princípio de tudo e de todos – nele reside o conhecimento nato da vida indígena Mebengokre-Kayapó. No buraco está contido o todo. Um todo fracionado. Esforço-me continuamente para tecer os fios violentamente cortados por um passado-presente colonizador.

Por que reencontrar-me? Porque acredito que nem tudo está perdido – por ora, o teto do céu não vai cair. Ele não vai cair enquanto cada indígena levantar para o próximo canto. Não vai cair enquanto cada indígena que não sabia que era indígena (re)descobrir-se indígena por meio dos laços de consanguinidade, pois “todo mundo é índio exceto quem não é” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016). O ato de criar/tecer a necessidade de saber sobre seu Povo acaba se revelando como um novo *descobrimento* – real, verdadeiro, visceral.

Um descobrimento para além de toda a criação histórica colonizadora. Uma espécie de trama memorial onde cada indivíduo conta sua própria história; mesmo que nem todo mundo consiga contar sua história, eu consigo, ao menos desta vez, por enquanto, até agora. Contar sobre os mundos possíveis que agora habito. Esse mundo possível habitado por mim está localizado – em profundeza e inteireza – no sul do estado do Pará.

Seria mais apropriado aterrizar os mundos: contar sobre meu Povo. Sim, meu Povo. São mais de cinquenta e quatro aldeias Mebengokre-Kayapó espalhadas pelo território Sul do estado do Pará e Norte do Mato Grosso. Todas pertencentes ao tronco linguístico Jê.

O Povo **Mebengokre-Kayapó**, habitante de terras indígenas localizadas nas confluências dos rios Tocantins/Araguaia, Xingu e Fresco, entre os estados do Pará e Mato Grosso, encontra-se em Terras Indígenas (T. I.) demarcadas[[1]](#footnote-1): Terra Indígena Baú, ocupada pelos **Baú**; Terra Indígena Capoto/Jarina, ocupada pelos **Metuktíre**, (ou **Txukahamãe**); Terra Indígena Cateté, dos **Xikrín do rio Cateté**; Terra Indígena Trincheira Bacajá, dos **Xikrin do rio Bacajá**; Terra Indígena **Mekragnoti**; Terra Indígena **Kararaô**; e Terra Indígena **Kayapó**.



**Figura 1**. Mapa retirado (e editado) da Exposição “Os Mebengokre”,

realizada no Museu Paraense Emílio Goldi, em 2018.

Essas Terras Indígenas, ainda que demarcadas, fazem parte da memória ancestral e tradicional dos Mebengokre-Kayapó, sendo o lugar onde habitam e preservam a floresta. São territórios que confluem a história ancestral da minha família materna. Este será o fio condutor da investigação sobre a genealogia de parentesco, preliminarmente publicada como parte de meu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

Neste trabalho, compartilho os fios de compreensão genealógica de minha “Árvore de Milho”, a partir do levantamento bibliográfico sobre a literatura antropológica Mebengokre-Kayapó. Ainda que seja um levantamento preliminar, evidencia as tramas de parentesco compartilhadas por meio de uma “bela” e “correta” festa de classificação de bonitos nomes – a Festa do *Bemp* ou Festa do Peixe.

No início de meu processo de pesquisa junto ao PPGArtes/UFPA, intencionei – em colaboração com meus parentes Mebengokre-Kayapó – tecer tramas de reconhecimento ancestral que revelassem os caminhos de compreensão genealógica dos papeis que perfomaremos na Festa do *Bemp*. Uma compreensão fracionada de uma enorme teia que se confunde com as tramas do percurso colonizador.

Por ora, o que posso contar encontra-se nos compartilhamentos bibliográficos sobre a Festa, que ainda descreverei em detalhes na etnografia, a partir da performance de nossa experiência (minha, de meu filho e de minha companheira) na festa/ritual de nomeação *Bemp/Bep* [significa, literalmente, “peixe”] – classificador nominal que designa o prefixo do nome masculino da pessoa indígena. Esse momento, que considero um dos mais importantes da minha trajetória de pesquisa-vida – vivenciado, particularmente, nos últimos dez anos, entre Graduação, Mestrado e Doutorado –, representa, para mim, sem dúvida, o momento de consagração ritual e, sobretudo, de integração nominal, ainda em tempo, junto a meu Povo.

Começarei pelo compartilhamento de saberes dos *nekretx*. Tal categoria é importante para o agenciamento dos papeis rituais e daquilo que um indivíduo “amontoa” em sua vida. Na sequência, virão as informações bibliográficas sobre a festa de nominação a qual iremos (eu, meu filho e minha companheira) participar na aldeia Apexty[[2]](#footnote-2). Por fim, farei breves considerações sobre os movimentos performativos futuros.

1. ***Nekretx*: tudo que se amontoa**

A palavra *mejkumerex* é usada para expressar diferentes coisas – *kumerex* [“correto”, “tradicional”] ou *mej* [“belo”] também são usadas separadamente no discurso. O que chama mais atenção é a utilização de diferentes grafias, às vezes trocando *x* por *j* ou vice e versa. O motivo das trocas de palavras reside no fato de os Mebengokre-Kayapó serem, tradicionalmente, uma cultura ágrafa e oral. A alfabetização promovida pelo Plano de Governo do Ministério da Educação motivou a instalação de escolas não indígenas com ensino bilíngue (Português e Kayapó) dentro de todas as aldeias Mebengokre-Kayapó.

*Mejkumerex* expressa, tradicionalmente, um tipo de beleza ligada à tradição. Uma pintura é *mejkumerex* quando expressa a beleza dos esforços e dos indivíduos. Pinturas corporais, ornamentos, cantos, movimentos, são incorporações da tradição no cotidiano da vida indígena Mebengokre-Kayapó. No âmbito pessoal, *mejkumerex* representa o reencontro com minha própria beleza ancestral, violentamente apagada no decorrer do processo de colonização. Desejo contar minha própria história, (re)criando mundos perdidos que se tornaram novamente possíveis. Uma (re)criação do que poderia ter sido e do que está sendo. Um reencontro.

Para cada cerimônia há uma certa quantidade de elementos que são como palavras escritas ao vento. Essas palavras estão tanto nos corpos – inseridas nos grafismos e pinturas corporais – como nos cantos, músicas e artefatos utilizados para uma determinada cerimônia. Foi daí que conheci a palavra *nekretx*, utilizada por parentes indígenas em diferentes momentos da Festa da Mandioca da qual participamos recentemente (2017).

Os *nekretx* são partes indizíveis do *kukradjà* – que tem o mesmo sentido da categoria antropológica “cultura”*.* É tudo que se “amontoa”, se guarda, se ganha, se dá através de um sistema complexo de relações, tal qual uma enorme teia de aranha – a aranha *Inhô*. Os nomes dos indivíduos são *nekretx*. Coisas passadas de geração em geração também são *nekretx*. Iniciandos em certas cerimônias, sobretudo as de nominação, também desempenham *nekretxs* responsáveis por seu papel no ritual.

Nem todos os cantos, danças, movimentos, são *nekretx*. Então *nekretx* pode ser quase tudo. Tudo que se amontoa no tempo e no espaço da continuação da vida Mebengokre-Kayapó. Há específicos *nekretx* para cada cerimônia de nominação, e os iniciandos (*‘i-ityk*) na cerimônia *Bemp* também possuem seus próprios *nekretx*. Os *nekretx* mais valiosos em uma cerimônia são os nomes dados matrilinearmente através de um sistema de parentesco cruzado e bastante complexo. Isso significa que são os tios, avós e aparentados que podem doar nomes acumulados ao longo da vida para os “peixinhos” iniciandos durante a Festa do *Bep* ou Festa do Peixe. Um indivíduo amontoa, em média, ao final da vida, cerca de sessenta e quatro nomes *nekrext.*

Foi o chefe de Kretire, Ngýre-my, que forneceu a definição mais sucinta de *Nekretx:* “tudo aquilo que as pessoas amontoam” (*màja kuni me ôatob; coisa + tudo + pronome coletivo + amontoar)*, ou seja, seus pertences. O mesmo verbo é usado no sentido de reunir pessoas e de juntar pertences. Os Mebengokre afirmam que realizam cerimônias quando as pessoas estão paradas e tristes, para que fiquem alegres. Na realidade, uma cerimônia segue outra fase sem intervalos, e as cerimônias principais são intercaladas com cerimônias menores. A qualquer momento pode haver uma dança ocasionada pela morte de um parente em outra aldeia, para comemorar a morte de uma onça, ou um ataque a um ninho de marimbondos, esse último liderado por alguém cujo *nekretx* é justamente esse papel (*amiy kadjy meumiàrý djwoj;* marimbondo/para/picar/dono). Aparentemente, detentores de *nekretx* não participam do ataque, apenas ficam observando de longe (LEA, 2015: 307).

O que fica evidente é que os indivíduos participantes da Festa possuem seus papeis restaurados a cada canto e/ou dança *nekretx*. Alguns indivíduos possuem *nekretx* que são responsabilidades cerimoniais, e cada indivíduo ou grupo se organiza para realizar a ação específica (de sua responsabilidade) no decorrer das cerimônias. Segundo Vanessa Lea (2015), há sete gêneros de cantos e passos de dança que compõem um repertório completo de danças e cantos de cada gênero dançado durante os meses da Festa. Além disso, “uma mulher tem como *nekretx* a prerrogativa de andar pela aldeia no sentido anti-horário, indo, por exemplo, de casa em casa para reunir as mulheres de cada habitação” (LEA, 2015: 317).

Vanessa Lea (2015), em uma relevante contribuição para a literatura Mebengokre-Kayapó, observou uma diferença conceitual importante para a compreensão das categorias “casa” e “habitação”. A primeira (casa) diz respeito à organização uroxilocal das matricasas, onde vivem os clãs ancestrais. Os clãs estão dispostos no círculo de uma aldeia ancestral, reiterando a disposição das aldeias tradicionais(*kumrex*) Mebengokre-Kayapó. A segunda (habitação) se refere à organização das habitações pelo sistema de agregação de novos pares às “casas”. As duas estão dispostas, na maior parte das vezes, numa mesma área no círculo da aldeia e identificam o plano das relações, papeis e funções sociais.

Os jovens (*ingrã ny;* brotos novos) Mebengokrebrotam dos ossos dos mortos, enterrados na terra, como se cada Casa crescesse como uma batata doce (*ját*). Os pais (e possivelmente as mães) fabricam os organismos dos indivíduos, mas são os *nhênget* e as *kwatýj* que transmitem tudo aquilo que é eterno, como se houvesse um fio energético, reforçado e renovado por novos nomes e *nekretx*, ou enfraquecidos por furtos no decorrer do tempo. No entanto, cada Casa tem seu lugar de origem (*djá kraj*) inscrito numa porção específica do círculo. Os nomes e *nekretx* saem de seu lugar de origem de forma legítima, emprestados durante períodos curtos ou mais compridos, mas tudo tem seu devido lugar e para lá deve retornar (LEA, 2015: 403).

Os *nhênget* [tios e netos maternos cruzados] e *kwatýj* [tios e netos paternos cruzados] são alguns dos principais agentes da Festa do *Bemp*. São eles que atribuem e transmitem os nomes – dão seus amontoados de nomes – para seus netos e sobrinhos na festa/ritual do *Bemp*. “[…] Nomes e *Nekretx* passam exclusivamente das categorias *nhênget* (irmão da mãe, pai da mãe e pai do pai) e *kwatýj* (irmã do pai, mãe da mãe e mãe do pai) aos *tabdzwè* (filhos dos filhos, filhos da irmã para o ego masculino, filhos do irmão para o ego feminino).” (LEA, 2015: 270). Esses termos indicam, evidentemente, uma parentela bilateral ou cognática que é compartilhada com os demais Jê. Uma ideologia uterina é expressa pela afirmação de que nomes e *nekretx* devem sempre voltar à Casa de origem, onde surgiram (*katoro dzà* – “surgir/lugar”) e onde têm suas raízes (*dzà kray –* “lugar [do] começo/base/origem”).

Os *nekretx* são bens preciosos ou podem ser bens industrializados: “[...] uma das palavras ouvidas com maior frequência durante a pesquisa de campo, iniciada em 1978, era *nekretx*, ou bens industrializados, que os Mebengokre cada vez mais desejam adquirir” (LEA, 2015: 49). Ao consultar meus parentes indígenas, tanto da aldeia Kaprankrere, localizada no município de Redenção, quanto Apexty, localizada em São Félix do Xingu, explicaram-me que se trata de uma categoria complexa, que abrange riquezas guardadas e transmitidas por todos.

Ao compreendermos que os nomes e *nekretx* – incluindo adornos e papéis cerimoniais (elementos que fabricam a pessoa mebengokre) – são atributos das Casas, passamos também a considerar o centro como sendo assimilado pelas matricasas, e não vice-versa, como vemos na literatura antropológica pré-existente, escrita majoritariamente por homens, em que as mulheres Mebengokre-kayapó aparecem, em geral, relegadas à periferia da sociedade.

A casa dos homens (*ngá*) leva o olhar de seus habitantes para além da aldeia, em consonância com o gerenciamento do todo relacionado à vida além dos confins da aldeia e das roças – que pertencem às mulheres. As casas das mulheres mantêm o foco no interior de um espaço fechado. São elas quem gerenciam tudo o que se relaciona à fabricação social das pessoas, além de cuidar de pessoas, animais e plantas. “Por pessoa me refiro a todos os aspectos do indivíduo que lhe são atribuídos por seu meio sociocultural: gênero, geração, nomes, *nekretx*, matricasa, parentela, amigos formais etc.” (LEA, 2015: 49).

Nomes e *nekretx* constituem a essência ancestral, a matéria anímica que compõe a identidade distintiva de cada casa. A quantidade de nomes e *nekretx* está correlacionada com a riqueza simbólica à disposição dos membros de cada Casa para constituir pessoas (LEA, 2015: 53).

A perspectiva de Verswijer é bastante distinta. Em uma análise dos Mebengokre, argumenta Lea (2015) “que os nomes de ambos os sexos, as prerrogativas cerimoniais e outros direitos, pertencem à matrilinhagem ou segmentos residenciais” (LEA, 2015: 269). Segundo Lea, “o termo “segmento” gera confusão porque há dois níveis de segmentação que [são] importante[s] distinguir – intra-aldeia e inter-aldeia” (LEA, 2015: 269).

Como vimos, duas ou mais habitações que formam um segmento de uma Casa, numa determinada aldeia, constituem simultaneamente um dos segmentos daquela mesma Casa, dispersos por várias aldeias. Parece-me igualmente inapropriado falar de matrilinearidade entre os Mebengokre. Não há fundadoras de linhagens nem de Casas, e grupos de irmãs e primas paralelas matrilaterais são as propriedades do mesmo acervo de nomes e *nekretx*. Se uma Casa se subdivide definitivamente (*aben ngrà)*, seu patrimônio também é subdividido, e os membros das duas Casas que resultam desta divisão passam a casar-se entre si (LEA, 2015: 269).

No plano ideal da tradição Mebengokre, “as mulheres transmitem seus nomes às filhas de seus irmãos e os homens aos filhos de suas irmãs” (LEA, 2015: 277). Portanto, de acordo com essa lógica, os nomes são reciclados a cada geração. À medida em que os nomes vão retornando à Casa de origem, depois de serem emprestados à outra, assemelham-se aos emblemas dessa Casa. Juntamente com os *nekretx*, representam as marcas diacríticas de cada Casa e os aspectos partíveis da pessoa que serão, segundo Lea (2015), assimilados.

Os nomes estão entre os amontoados de coisas que mais se almejam como *nekretx*. Os nomes são as essências pessoais. São também o que há de mais importante para a pessoa indígena. Sem os bonitos nomes – *mejkumerex* –, como dizem os parentes, a pessoa será “feia” para o mundo. Para produzir beleza dão-se os nomes e seus amontoados ao longo da vida.

O termo “nome bonito” (*idji metx*) poderia ser mal interpretado. A beleza não se refere a seu significado semântico. As palavras que seguem o classificador são indistinguíveis daquelas usadas nos “nomes comuns” (*idji kakrit*). O traço distintivo dos nomes comuns é a sua falta de implicações cerimoniais. Os nomes comuns frequentemente fazem parte dos nomes bonitos; por exemplo, *kabeti* (tagarela) é comum, e *bep/bekwojdô* (fruta), e *kokô/nhák-ô* (folha ou pelo). Portanto, a única distinção entre uma classe de nomes bonitos e outra é a cerimônia na qual pode ser confirmado (LEA, 2012: 234).

Pelo exposto e conforme pude (eu mesmo) constatar, são os nomes que fazem e reiteram as *performances* rituais da pessoa indígena na Festa do *Bep* ou *Metoro Bemp*.

1. ***Metõro Bemp***

Um dos rituais mais prestigiados do Povo Mebengokre-Kayapó é o do *Bep* (ou *Bemp).* Realizado na primeira fase do ciclo de iniciação, prepara e apresenta os novos “peixes” (iniciandos) ao Povo indígena Mebengokre-Kayapó. Existem inúmeros sub-ritos inseridos no contexto da festa ritual do *Bep*, e por este ser um material preliminar, alguns desses dados não estão contidos aqui. O que se sabe, até o presente momento, é que durante o *merereme*, todos estão recém pintados/mascarados com pó de casca de ovo do azulão, e com a cabeça coberta por uma penugem branca proveniente do urubu-rei. Nessas ocasiões usam-se grandes quantidades de urucum e resina de leite de pau.

Outro rito bastante marcado entre os Mebengokre-Kayapó é o *Meú –* expedições guerreiras por vários dias na floresta. Os mais velhos da aldeia Apexty dizem que é o momento da preparação, da passagem dos saberes tradicionais. “Logo após o encerramento do *Bemp* [foi realizado o *Pute*, ritual] para comemorar o primeiro filho de uma mulher. O genitor do bebê e seus irmãos classificatórios se sentaram do lado de fora da casa dos homens, cada um segurando um pau comprido no colo” (LEA, 2012: 326).

O início do ano é marcado pelo cerimonial *Bemp*, que se estende durante quatro luas: do surgimento do *bemp nhõ djà* – largas faixas coloridas que partem do sol poente, até a ocorrência das primeiras chuvas. Ao final do cerimonial *Bemp*, pode-se ver no meio do céu, antes do sol nascer, o *ngrôt* *kryre*, ou punhado de cinzas, formado pelo aglomerado de sete estrelas, as Plêiades, situadas na constelação de Touro (PEQUENO, 2004: 270).

Diferentes épocas do ano são acompanhadas da realização de *metõro*, cerimoniais de caráter sazonal e de grande importância para a vivência e a identidade social do grupo. A divisão das tarefas segue o critério de gênero, sem fugir à regra das demais comunidades *Kubenkrankêng* (aldeia ancestral ainda existente), cabendo à mulher carregar os fardos e a lenha, assim como transportar os alimentos cultivados nos roçados para as casas.

Percebe-se que os rituais de iniciação e nominação se desenvolvem em várias ocasiões paralelamente. Por outro lado, acompanham o ciclo ritual de atividades de subsistência, durante a vida na aldeia ou durante a vida nômade[[3]](#footnote-3), dando também expressão ritual a estas atividades. Um aspecto muito importante de qualquer ritual é a oferenda de comida (*djokiere*), a cargo do pai e da mãe dos nominados ou iniciandos, dos irmãos do pai (*kamu-aben-pudji*) e de suas esposas, assim como das irmãs da mãe, isto é, todos aqueles que se encontram para um dado Ego, na categoria *Bam* e *Nã*. Na realidade, a atividade ritual de um grupo é sempre a expressão de um momento histórico onde entram em consideração aspectos como: 1- a situação demográfica do grupo e de como esta situação afeta as categorias de idade, os grupos de irmãos, o número de integrantes de uma sociedade cerimonial, o equilíbrio entre os grupos que oferecem o alimento e aqueles que o recebem; 2- a relação com o ambiente físico num dado momento e a oportunidade de aprovisionar matéria-prima para a confecção da parafernália. Também estão envolvidos aspectos políticos, individuais, a preferência do grupo por um ritual em detrimento do outro e o estado moral e de saúde da tribo. Depois do contato aparecem outras variáveis que limitam ou dinamizam a atividade ritual: reforço de uma atividade que mantém a coesão do grupo diante do civilizado, influência de uma progressiva sedentarização e o estabelecimento de um calendário ritual que não coincidia com as atividades ligadas ao mercado regional (VIDAL, 1977: 77).

É difícil circunscrever aqueles aspectos do universo Mebengokre que são mencionados nos nomes. Referem-se ao cotidiano dos homens e das mulheres, à flora e à fauna, aos produtos da roça e aos elementos da natureza. Uma proporção enorme de nomes designa atributos físicos e comportamentais – alto, magro, compulsivo, comilão, chorão, alguém que gosta de beber, andar, dormir etc. Os nomes contrastam cores, cheiros, atividades, passividades, além de posições corporais, tais como ‘pendurada’, ‘sentada’, ‘deitada’. A posição está associada a um aspecto contínuo, que é, evidentemente, um elemento adequado aos nomes, já que representa uma característica constante da pessoa a quem o nome foi atribuído.

Até agora foram descritas três situações nas quais as pessoas adquirem nomes: a) ao nascer; b) numa cerimônia; c) quando um xamã se apodera de nomes. A categoria de nomes de brincadeira é a única em que os nomes são concebidos como sendo inventados. Nunca presenciei as pessoas se dando tais nomes; as informações que tenho se baseiam naquilo que os Metyktire me disseram. As pessoas se dão (*ami jaren*:reflexivo, contar) nomes de brincadeira durante as cerimônias de nominação (LEA, 2012: 270).

São esses motivos que me fazem escolher, como campo para este trabalho, duas aldeias: Kaprankrere e Apexty. A primeira localizada no município de Pau D’Arco, nas proximidades da cidade de Redenção, no Pará; e a segunda no município de São Félix do Xingu, no mesmo estado. O motivo da escolha dessas duas aldeias é a possibilidade de comparação entre as formas de composição das aldeias e sua reiteração em formato de *performance* na Festa do *Bemp*. Uma das características de uma modificação cultural significativa, que se materializa na estrutura da aldeia via modificação territorial, é a forma como as duas aldeias se compõem.

Tradicionalmente, uma aldeia Mebengokre-Kayapó se organiza em formato circular, com as casas dispostas, uma ao lodo da outra, na linha da circunferência. Isso acontece em Apexty, mas não acontece em Kaprankrere, que é estruturada como um retângulo. A imagem de composição é justamente esta – uma circular e outra retangular. A forma retangular demonstra a alteração cultural sofrida ao longo da ocupação territorial no entorno do município de Redenção, que possui uma quantidade muito grande de fazendas.

Muitos rituais, por sua vez, estão ligados à vida esportiva: à demolição de um ninho de marimbondos (*amiu-a-ta*), às competições de flechas emboladas (*aben-kamiuru*) a às competições de luta corporal (*aben-kangoi*). Também estão agregadas as categorias que indicam a função do indivíduo ou da natureza a partir daquele momento: *Bep*: nome cerimonial masculino; *Menoronu*: iniciado; *Mekutop*: gente com capacete de cera de abelha; *Kangore*: sociedade cerimonial; *Kukrut*: anta; *Ngroa*: tora de buriti; *Ngore*: água, timbó; *Mekuka-tuk*: homens de testa preta. Os rituais de nominação para o sexo masculino são: *Bep*, *Tokok* e *Katob*; e para o sexo feminino: *Bekwe*, *Nhiok*, *Koko*, *Payn,* *Ngrei* e *Ire*.

Para atender às exigências dessa descrição preliminar, dividirei a Festa do *Bemp* apenas em suas fases mais tradicionais. Tais divisões ainda são confusas por conta da complexidade territorial da disposição das quase cinquenta e quatro aldeias Mebengokre-Kayapó. Por isso a categorização abaixo, extraída da literatura antropológica, é de ordem pragmática, pois não leva em consideração o fato de que nem todas as aldeias adotam, na contemporaneidade, com os novos ordenamentos territoriais e políticos já mencionados, a estrutura encontrada em Vidal (1977). Este será. porém, um ponto de averiguação na Tese, ao se comparar as duas aldeias: Kaprankrere e Apexty.

[Na] primeira, o *Bep-menõrõnu*estava associad[o] ao ritual de [nominação] *Bep*. A segunda fase era o *Me-kutop-ã-kangare*. O *mekutop*é um capacete de cera no qual é fincado um ornamento de penas, o *okopari*. *Kangore*era uma das numerosas sociedades de homens que atuavam nesta fase. A terceira fase ocorria na floresta e estava ligada a uma caçada à anta, com participação dos iniciados, o *kukrut menõrõnu*. A quarta fase era *menõrõnu ngroa*. O *ngroa* é uma tora de buriti que é transportada pelos homens, divididos em categorias de idade até o centro da aldeia. A quinta fase era uma cerimônia muito elaborada, o *menõrõnu ngô-re* ou *ngôreraitxi* [...], que também se desenvolvia na floresta, por ocasião de uma grande pescaria de timbó. Finalmente, a sexta fase era um curto ritual, realizado na aldeia, do qual tomavam parte dos homens, o rosto pintado todo de preto com pó de carvão, por isso chamado o *me-kuka-tuk*. No final deste ritual procedia-se à nomeação dos chefes de categoria *menõrõnu*, costume que ainda existe [...] (VIDAL, 1977: 57).

O nome de maior prestígio é *Bep*. Terence Turner fez uma descrição detalhada de uma cerimônia de nominação dos *Bep* que assistiu entre os Gorotire em 1963. Na mesma ocasião realizavam-se os ritos de iniciação. O autor distinguiu, claramente, entre os dois processos que se desenvolveram, simultaneamente: a iniciação e a nominação (TURNER, 1965: 167). Turner escreve a respeito dos “nomes dos garotos” [*the names of boys*]:

[…] cerimônias de iniciação em outras tribos Jê do Noroeste são cognatas do *Bemp*. Nas variantes não Kayapó da cerimônia, esses nomes (*pep* ou *pe*) designam a classe de iniciados, não como na cerimônia Kayapó, [mas] um nome pessoal concedido em um processo ritual analiticamente distinto da própria cerimônia de iniciação” (TURNER, 1965: 169). [Tradução: nossa]

Durante o *Bep*, são trazidos dois troncos da floresta, que os Mebengokre denominam *awari* [troncos de buriti descascados, e que serão plantados na praça da aldeia, um à leste e outro a oeste]. Os *mekrare* [homens mais velhos] dançam com as *kurêrêrê* [mulheres com um filho] à leste, e os *menõrõnu* [homens com um filho] dançam com as *mekrapoyn-mekranti* [inteligente/experiente, mulheres com mais filhos] à oeste – cada qual em volta de seu *awari*. Na sequência, os homens têm relações sexuais com as mulheres do grupo oposto ao seu.

Existem inúmeras questões que ainda preciso me deter sobre a estrutura ritual, cujos dados ainda estão sendo coletados, em diálogo com meus parentes consanguíneos e com a bibliografia antropológica. Se compararmos os relatos informais sobre a Festa do *Bemp* com aqueles fornecidos pelos parentes indígenas das duas aldeias e, ainda, com as referências bibliográficas, constataremos que houve mudanças. Porém, o que mudou? Esta é uma das perguntas que espero conseguir responder em minha Tese.

1. **Conclusões**

O Povo Mebengokre-Kayapó está localizado nas confluências dos rios Tocantins-Araguaia e Xingu, no sul do Pará e norte do estado do Mato Grosso. Sua grande aldeia original se dividiu em aproximadamente quarenta e quatro aldeias espalhadas por este território. Essa divisão cultural é explicada através do mito da Árvora do Milho.

Com a ocupação desordenada do território brasileiro e, principalmente, do Pará, muitas aldeias estão na fronteira da exploração ilegal de madeira e da extração indevida de minérios. Com isso, as interações culturais entre indígenas e não indígenas se intensificaram, causando assim novos (des)ordenamentos da composição cultural e geográfica das aldeias. Um exemplo disso são as formas que as duas aldeias, Kaprankrere e Apexty, se encontram no presente momento: uma circular em formato tradicional, e outra em formato retangular.

A presente pesquisa, realizada em nível de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pretende averiguar as mudanças sofridas nessas duas aldeias, tomando a festa tradicional de nominação mais importante do/para o Povo Mebengokre-Kayapó – a Festa do *Bemp* – como locus para a realização de uma etnografia performada sobre a Festa do Peixe.

**Referências**

BANNER, Horance. O índio kayapó em seu acampamento. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** – Antropologia, n°13, Belém, setembro, 1961.

CABRAL, Rafael. **Teia de Pykatôti**: um estudo da corpografia mẽbêngôkré do Rio Fresco na Amazônia Brasileira. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, 2015.

CABRAL, Rafael. **Ameríndios *Mex*:** um estudo do treinamento corporal a partir dos grafismos de animais sagrados para etnia Mẽbêngôkré da aldeia de Apexty. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal do Pará, 2013.

DINIZ, Edson Soares. **Os Kayapó-Gorotire:** aspectos socio-culturais do momento atual. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Antropologia n° 18, Belém, dezembro 1962.

LEA, Vanessa R. **Riquezas intangíveis de pessoas partíveis:** Os Mebengokre (Kayapó) Do Brasil Central. 2012.

LEA. Vanessa. Casas e Casas Mebengokre (JÊ). In: **Etnologia e história indígena**. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP: FAPESP, 1993

PEQUENO, Eliane da Silva Souza. Trajetória da reivindicação Kayapó sobre a Terra Indígena Badjonkore. **Revista de Estudos e Pesquisas**. Brasília, FUNAI, v.1, n. 2, dez. 2004, p. 249-288.

POSEY, Darrell. **Amazonian Indians**, 12. Edit. Anna Roosevelt. The University of Arizona Press, 1994.

POSEY, Darrell A. Ciência Kayapó. In: HAMÚ, Denise. **Ciência Kayapó:** alternativas contra a destruição. Belém: Museu Emilio Goeldi, 1992.

SCHECHNER, Richard. “Pontos de contato” revisitados. In. **Antropologia e performance:** ensaios na pedra. DAWSEY, John. (Org.) São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TURNER, Terence. Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó. In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. (Orgs.). **Amazônia:** etnologia e história indígena. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1993. p. 43-66.

TURNER, Terence. Os Mebêngôkre Kayapó: história e mudança social – de comunidades autônomas para a coexistência interétnica. In. CUNHA, Manoela Carneiro. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIDAL, Lux. **Morte e vida de uma sociedade brasileira**. 1977.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Pandemia:** os involuntários da pátria. N-1 Edições, 2016.

1. Essas terras, regulamentadas desde 1988, correm, entretanto, o risco de terem suas demarcações revogadas em virtude da PEC 212 – também chamada “PEC da Morte” – que está em tramitação no Congresso Nacional. [↑](#footnote-ref-1)
2. A aldeia Apexty sofreu recentemente uma cisão, mas ainda não tivemos oportunidade de visitar a aldeia que cindiu. Há relatos de que os parentes de classificação matrilinear estão habitando essa nova aldeia, denominada Kynõpuri, que está localizada mais próxima de São Félix do Xingu. [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)